

CARACTERÍSTICAS DA PERSONALIDADE DOS CRIMINOSOS SEXUAIS DE CRIANÇAS EM UMA AMOSTRA FORENSE

CARREIRO, Adriana Aparecida Garbin¹
ARBOIT, Natália Karine²
BARONI, Elis Gabriela³

RESUMO

Os crimes sexuais contra crianças permeiam a história da humanidade. Por isso, investigar os motivos que levam a prática desse crime ainda alimenta o meio científico e desperta o interesse social. Nesse sentido, o presente estudo foi realizado em um Sistema Prisional do Oeste do Paraná, e teve como objetivo detectar as principais características da personalidade dos criminosos sexuais de crianças em uma amostra forense, composta por 25 participantes, todos do sexo masculino, com idade média de 39,68 (DP= 11,39), condenados por crime sexual contra crianças. Foram utilizados como instrumentos o Questionário Sociodemográfico e a Escala de Personalidade de Comrey (CPS). O CPS avalia a personalidade por meio de 10 escalas; dessas, duas são para o protocolo de validação do teste e oito para as dimensões fatoriais da personalidade. Por meio dos resultados, obteve-se um delineamento das principais características dos criminosos sexuais de crianças, sendo essas Feminilidade (choro fácil), Introversão, Instabilidade Emocional, Atitude Defensiva, Inconformidade Social, Empatia, Atividade e Ordem. Os resultados contribuíram para ampliar os conhecimentos acerca da personalidade dos criminosos sexuais de crianças, além de compreender os comportamentos, os pensamentos e as atitudes desse grupo.

PALAVRAS-CHAVE: Personalidade, Criminosos Sexuais de Crianças, Sistema Prisional, Escala de Personalidade de Comrey (CPS).

1 INTRODUÇÃO

Os crimes sexuais praticados contra a criança são alvos de preocupações sociais e científicas há muitos anos; porém, muito se fala sobre a vítima e pouco sobre o agressor. Assim sendo, investigar o sujeito que comete esse tipo de crime possibilita encontrar as variáveis para esses comportamentos, pensamentos e ações.

Buscando compreender os possíveis motivos que levam à prática desse crime, considerada inaceitável pela sociedade, deparamo-nos com os traços de personalidade desse grupo, definido com um conjunto de padrões rígidos de sentimentos, pensamentos e comportamentos individuais, sendo que a personalidade apresenta características em comum, base essa que será utilizada para levantar as principais características dos criminosos sexuais de crianças de uma amostra forense.

¹ Psicóloga clínica, mestre em psicologia forense, docente e orientadora do curso de graduação em Psicologia, Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: aagarbin@hotmail.com

² Acadêmica do curso de graduação em Psicologia, Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz - 10º período. E-mail: nataliakarinearboit@gmail.com.

³ Acadêmica do curso de graduação em Psicologia, Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz - 10º período. E-mail: ellis_gabriela@hotmail.com.

Para tanto, utilizou-se como instrumentos o Questionário Sociodemográfico e a Escala de Personalidade de Comrey (CPS, doravante) para identificar a predominância das Escalas de Personalidade avaliadas pelo teste psicológico.

O levantamento das principais características da personalidade dos criminosos sexuais de crianças possibilita, além da ampliação estudos voltados à personalidade desse público no contexto forense, o desenvolvimento de futuras pesquisas em contexto prisional, como foco biopsicossocial para os apenados, possibilitando novas bases científicas aos profissionais atuantes dessa área.

Ao analisar o contexto social em que esses sujeitos estão inseridos, muitos são os julgamentos quando se trata de um crime contra crianças e poucos fatores são levados em conta sobre a motivação de uma prática como esta. Diante disso, ao entender as características da personalidade do agressor, torna-se possível pensar em intervenções psicológicas que sejam melhores estruturadas, garantindo maior eficácia no tratamento e com isso auxiliar para que ocorra a minimização da reincidência no crime ou novas vítimas.

Para atender aos propósitos desta pesquisa, o trabalho foi organizado da seguinte forma: inicialmente, fez-se uma discussão da base teórica do estudo, apoiada na literatura especializada; posteriormente, foram apresentadas as escolhas metodológicas para o desenvolvimento da pesquisa; por fim, os dados obtidos foram sistematizados e analisados.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O abuso sexual infantil pode ser entendido como uma prática ou jogo sexual no qual o indivíduo que o comete está em uma fase mais tardia de desenvolvimento psicossocial do que a vítima, no caso a criança. As situações ocorrem por meio de ações eróticas e sexuais apresentadas à criança, utilizando, além destas, ameaças, agressão física e obrigação contra a própria vontade (SANTOS; DELL'AGLIO, 2010; TAVARES, 2012). Em outras palavras, trata-se de induzir a criança a um ato sexual, sem o seu próprio consentimento e entendimento sobre a situação, infringindo determinadas leis propostas na sociedade (LYNAS; HAWKINS, 2017).

Como apontam Garbin et al. (2012), os crimes sexuais são práticas desviantes que se caracterizam como uma intimidação física para a população e para a proteção pública. O estupro é desencadeado por um desenvolvimento psicossocial, decorrente de um meio psicológico e social vulnerável, como os distintos impactos resultantes que acometeram a vida do indivíduo (GANNON; ALLEYNE, 2012; LEY, 2015). Diante disto, o abuso sexual associa-se a múltiplos traumas e

resultados desfavoráveis para as vítimas, como o suicídio, o possível desencadeamento de transtornos psicológicos e uso extremo de álcool e drogas (MARTIN; MACY; YOUNG, 2011; TSAI et al., 2016).

O abuso sexual se apresenta de diferentes formas, mas na criança é de natureza variada: vai desde uma carícia íntima, uma manipulação da genitália, da mama ou do ânus, uma exploração sexual, pornografia, “voyeurismo”, exibicionismo até à penetração vaginal, anal ou oral. (HABIGZANG et al., 2008; PADILHA; GOMIDE, 2004; DALGALARRONDO 2000).

Essa temática não é atual, ela ultrapassa as fronteiras da história e é manifestada de diferentes formas dentre as culturas (COSTA et al., 2007). As discussões acerca da violência sexual contra crianças, no Brasil, permeiam meados do século XX; atualmente, os estudos tem destinado foco de investigação na condição biopsicossocial do agressor, assim como as pesquisas que buscam as compreensões desses fenômenos (BARBOSA et al., 2010; REIS; BARROS; CAVALCANTE, 2015).

É importante destacar que, na literatura, o abuso sexual, os perfis e os comportamentos dos abusadores sexuais de menores não se reduzem a uma única e simples definição; há uma gama de conceitualizações envolvendo esse evento (ALBERTO, 2010; SERAFIN et al., 2009). Essas diferentes conceitualizações e/ou tipologias objetivam facilitar a compreensão da heterogeneidade do crime sexual (SCHAAF et al., 2016). Para Pialarissi (2014), o abuso sexual, a pedofilia, o estupro, o atentado violento ao pudor, seja qual for a denominação, são crimes de igual gravidade e fazem jus ao sentimento de repulsa e pavor.

As características gerais dos criminosos sexuais apontam para diferentes perfis, existindo, portanto, uma variedade significativa no comportamento e na ação do crime, incluindo as diferentes formas de abuso sexual existentes (ato, carícias, estupro, pornografia infantil) tanto de adultos quanto de crianças (HUSS, 2011). Essa gama de características permitem a construção das tipologias, que possibilitam maior compreensão e clareza na motivação do crime e auxílio nas considerações criminais (HELFGOTT, 2008; CARREIRO, 2012).

Baltieri (2005) aponta que 10% dos abusadores foram vítimas de abuso durante a infância; com isso, há uma maior confirmação de que ter sofrido abuso pode ser um dos múltiplos fatores para o desencadeamento da pedofilia e do crime sexual contra crianças. Não obstante, ainda são necessários mais estudos que mostrem que tais dados são relevantes para a confirmação de uma hipótese como essa, pois não são apenas esses fatores que impelem um indivíduo a se tornar agressor sexual.

As distorções cognitivas são fatores importantíssimos para a ocorrência do ato, sendo responsáveis pela construção de crenças desajustadas que validam a prática de crimes, fazendo com que se justifiquem como forma de perdão, reduzindo as consequências e a gravidade dos fatos; utilizam isso como um suporte contra as acusações (CRICK; DODGE, 1994).

Muitos agressores utilizam a negação e atribuem a culpa a terceiros, como a própria vítima ou alguma pessoa que realizou a acusação. Na maioria das vezes, há relatos de calúnia e de culpa da mãe ou da própria vítima, ou a ocorrência de um mal-entendido (HABIGZANG et al., 2005).

A personalidade dos agressores sexuais chama atenção por se tratar de um dos conceitos mais intrigantes da Psicologia. Como definição, a personalidade é concebida como um conjunto de padrões rígidos de sentimentos, de pensamento e de comportamentos individuais, constantes e imutáveis (SANTOS, 2008; MARTINS; LOPES, 2010). Indivíduos que cometeram crimes sexuais dificilmente apresentam mudanças psicológica, culturais e sexuais. Nessa perspectiva, as investigações fenomenológicas são muitas vezes o caminho para a identificação dos agressores (SERAFIN et al., 2009; SHARMA, 2003; LANNING, 2001).

Definir com exatidão a personalidade dos criminosos sexuais é uma tarefa complicada, pois envolve as características, a subjetividade de cada indivíduo, a sua cultura, os conceitos e as crenças, além das diferenças dos crimes em si, tais como abuso, atentado ao pudor, assédio etc. (REBOLLO; HARRIS, 2006; IENCARELLI, 2002). O surgimento de pesquisas mais atuais propõe investigar a estabilidade dos traços de personalidade ao longo da vida e facilitar a compreensão e julgamento de crimes sexuais (DONNELLAN; LUCAS, 2008; LUCAS; DONNELLAN, 2009; NOTFLE; FLEESON, 2010).

Segundo Rocha, Formiga e Lopes (2014), é imprescindível ressaltar que as investigações de aspectos de personalidade relacionadas a crimes consideram que, não é porque alguém que apresenta determinado esquema de personalidade predominante, que necessariamente, esse indivíduo irá emitir um comportamento delitivo. As pesquisas referentes aos traços de personalidade dos criminosos ganham destaque nos quesitos de impulsividade, de imprudência, de empatia, de hostilidade e de inteligência ou estabilidade emocional (FORNELLS; CAPDEVILA; ANDRÉS-PUEYO, 2002); contudo, podem apresentar uma alta capacidade empática, conforme demonstrado em estudos realizados sobre o tema (BECK, 2000; FORNELLS; CAPDEVILA; ANDRÉS-PUEYO, 2002; LANDAZABAL, 2005); por outro lado, para Carolla (2011), existem indícios de psicopatologia como a psicopatia e esquizofrenia.

No que tange à literatura nacional, o que pode ser observado é que há uma escassez de estudos a respeito dos instrumentos de avaliação da personalidade em criminosos sexuais de crianças. Todavia, a utilização desses instrumentos é de suma importância, principalmente se forem em forma de questionário, pois apresentam vantagens em relação aos não estruturados, tendo-se em vista que seus itens são selecionados empiricamente (OLIVEIRA, 2001; MEEHL, 2000).

Na literatura brasileira sobre instrumentos e questionários que evidenciem os traços de personalidade, destaca-se a Escala de Personalidade de Comrey (CPS), que trata-se de um inventário desenvolvido por Costa (2009), para avaliação de 08 dimensões da personalidade: Confiança e Atitude Defensiva (Escala T); Ordem e Falta de Compulsão (Escala O); Conformidade Social e Rebeldia (Escala C); Atividade e Passividade (Escala A); Estabilidade e Instabilidade Emocional (Escala S); Extroversão e Introversão (Escala E); Masculinidade e Feminilidade (Escala M); Empatia e Egocentrismo (Escala P), num total de 100 itens. Apresenta ainda as escalas de Validade (Escala V) e Tendenciosidade nas respostas (Escala R). O CPS é atualmente utilizado em pesquisas da área clínica e forense, haja vista que busca identificar os principais fatores de constituição do indivíduo (COSTA, 2009).

3 MÉTODOS

Como o objetivo deste trabalho é levantar as principais características dos criminosos sexuais de crianças de uma amostra forense baseadas na utilização da CPA, buscou-se investigar a presença ou não de uma predominância na população pesquisada entre as dimensões avaliadas na escala.

O método usado na pesquisa possibilitou uma descrição quantitativa da amostra, isto é, um dado estatístico (PRODANOV; FREITAS, 2013). Conforme destaca Gil (2008), a fundamentação desse método aplica-se como teoria estatística da probabilidade, auxiliando, assim, a investigação em ciências sociais.

A amostra contou com 50 apenados condenados por crime sexual de crianças (até 12 anos), pelos delitos do artigo 213 (Estupro) do Decreto Lei 2.848/40 e da Lei 12.015/09; artigo 217-A (Estupro de Vulnerável) da Lei 12.015/09, todos do sexo masculino, entre 20 a 70 anos de idade de um Sistema Prisional do Oeste do Paraná - BR.

Os resultados obtidos foram construídos a partir da aplicação do Questionário Sócio Demográfico, desenvolvido para levantar as informações pertinentes acerca da amostra, como a escolaridade, o estado civil, o crime, a vítima, o gênero da vítima, o vínculo com a vítima e o

número de vítimas e da CPS, que se refere a um inventário com 100 itens que avalia 08 dimensões da personalidade do indivíduo, com base na teoria dos cinco grandes fatores, sendo esses: Confiança e Atitude Defensiva; Ordem e Falta de Compulsão; Conformidade Social e Rebeldia; Atividade e Passividade; Estabilidade e Instabilidade Emocional; Extroversão e Introversão; Masculinidade e Feminilidade; Empatia e Egocentrismo.

O Questionário Sócio Demográfico foi material para a identificação da predominância da amostra e a CPS foi corrigida de acordo com seu manual, obtendo os escores para as classificações. Posteriormente, foi feita uma análise descritiva, por meio da análise de frequência dos dados obtidos.

4 ANÁLISES E DISCUSSÕES

Dentro dos critérios de inclusão e exclusão do presente estudo, foi recrutada uma amostra de 50 participantes, da qual 25 sujeitos aceitaram participar da pesquisa, totalizando 50% da amostra inicial, como idade média de 39,68 (Desvio padrão= 11,39), bem como com níveis de escolaridade de 48% com ensino fundamental incompleto, 4% com ensino fundamental completo, 16% com ensino médio incompleto e 32% com ensino médio completo. Esses dados contrariam o que afirma Serafin et al. (2009), para os quais, tipicamente, esse grupo tem ensino fundamental ou médio completo. Quanto ao estado civil, 44% dos participantes são solteiros, 28% casados e 28% separados, dados que corroboram com o estudo desenvolvido por Becker et al. (2003), que realizaram uma pesquisa com 120 abusadores e, desses, 46% eram solteiros, 28% casados e 18% divorciados; de semelhante forma, a pesquisa feita por Pechorro, Poiares e Vieira (2008) com 41 abusadores sexuais indicou que: 39% dos participantes eram solteiros, 7.3% união estável, 31.7% casados, 19.5% separados/divorciados e 2.4% viúvos.

Na presente pesquisa, 84% (N=21) eram do gênero feminino, 8% (N=2) do sexo masculino e 8% (N=2) de ambos os sexos. Os dados corroboram com os estudos de Becker et al. (2003), que apontam que 59% dos agressores cometeram abuso contra vítimas do sexo feminino, 16 % vítimas do sexo masculino e 22,5% em ambos os sexos. Em uma pesquisa realizada por Bouhet, Pérard e Zorman (1997), constatou-se que o índice foi de duas meninas para um menino, com a idade correspondente entre 8 a 12 anos. O que se observa é que, mesmo tendo transcorrido 21 anos da realização desse estudo, os dados apresentam-se condizentes com os da presente pesquisa.

Os resultados de Hanson, Morton e Harris (2003) identificaram que os agressores sexuais fazem a escolha do sexo da vítima com maior incidência para o sexo masculino, com destaque para vítimas desconhecidas. Esses dados divergem dos apresentados nesta pesquisa, dado que a maioria das vítimas são do sexo feminino e com nível de proximidade, sendo que 36% das vítimas eram conhecidas, 8% desconhecidas e 56% familiares. Dentro o número de vítimas, 76% com 1 vítima, 12% com 2 vítimas, 4% com 3 vítimas e 8% com 4 vítimas.

Ao examinar os resultados obtidos por meio da CPS, obteve-se uma igualdade entre as dimensões avaliadas. As escalas desse instrumento são classificadas em escores altos e escores baixos; porém, tais escores não afirmam que exista uma resposta melhor ou pior, mas sim têm o intuito de avaliar em qual escore o participante se sobressai, direcionando, desse modo, o sentido qualitativo da escala (COSTA, 2009). Diante disso, na Tabela 1 foram organizados os resultados obtidos e, na sequência, foram discutidos.

O instrumento CPS é composto por dez escalas, sendo duas escalas de Validação do protocolo aplicado, a Escala V, que verifica a Validade da aplicação, e a Escala R, que verifica a Tendenciosidade na Resposta.

A Escala V é a escala legítima do protocolo aplicado que obtém um escore limite; caso esse escore limite seja ultrapassado, o teste se configura como inválido. Diante da Escala de Validação, dos 25 participantes, apenas um teste foi classificado como inválido e teve invalidação do teste; isso pode ter ocorrido por quatro motivos: dificuldade de compreender o teste ou na escolha de marcação das respostas; dificuldade em compreender a fraseologia do instrumento ou interpretá-la; não ter lido com atenção as afirmações, respondendo aleatoriamente; e, por fim, ter omitido um número estatisticamente expressivo de respostas. Nesse sentido, os dados levantados para o CPS foram de 90% (N=24) dos participantes válidos, em que 66,6% (N=16) teve validação alta e 33,3% (N=8) validação baixa.

A partir do resultado de invalidação de 1 dos 25 testes, os resultados a seguir para as 9 dimensões restantes serão considerados somente os testes dos 24 participantes válidos. A tabela abaixo descreve um comparativo entre os escores altos, baixo e a média de cada escala.

Tabela 1 – Resultados do CPS

Escala	Escore	Participante % (Número)
V	Alto	66,6% (N=16)
	Baixo	33,4% (N=8)

R	Alto Baixo Média	58,3% (N=14) 37,5% (N=9) 4,2% (N=1)
M	Baixo Alto Média	62,5% (N=15) 33,3% (N=8) 4,2% (N=1)
E	Baixo Alto	79,16% (N =19) 20,84% (N=5)
S	Baixo Alto	66,66% (N =16) 33,4% (N=8)
T	Baixo Alto	87,5% (N= 21) 12,5%(N=3)
C	Baixo Alto	83,4% (N =20) 16,6% (N=4)
P	Alto Baixo	62,5% (N=15) 37,5% (N=9)
A	Alto Baixo Média	50% (N=12) 41,6%(N=10) 8,4% (N=2)
O	Alto Baixo Média	54,2% (N =13) 41,6%(N=10) 4,2%(N=1)

Fonte: Elaborada pelas pesquisadoras.

Na Escala R de Tendenciosidade, é possível verificar a consistência das respostas e um escore alto, detectando a simulação dos indivíduos que buscam de forma sistemática distorcer as suas

respostas de modo a descrever-se como sendo portadores de uma personalidade que de fato não têm (COSTA, 2009). Assim, com relação à escala de Tendenciosidade, 58,3% (N=14) dos participantes válidos desta pesquisa apresentaram escores altos e 37,5 % (N=9) escores baixos. Diante disto, Barney e Londoño (2006) apontam que, em geral, os criminosos sexuais utilizam vários mecanismos de defesa para se proteger de investigações feitas pelo entrevistador, mecanismos esses que podem ser classificados como: desmentir, justificar, minimizar, elaborar, simular doença mental, simpatia, agressão e/ou confusão. Durante a entrevista, a maioria busca agradar o entrevistador como uma forma de convencê-lo que são pessoas boas e que foram acusadas de tal crime.

Dos participantes válidos da pesquisa, 4% apresentou nível superior ao aceitável de tendenciosidade, identificando que, quanto maior for o escore, maior foi a tendência do sujeito em responder às afirmações de forma socialmente desejável, com distorções sistemáticas, buscando descrição de uma personalidade utópica, apresentando conformidade com a visão de Crick e Dodge (1994) cujas distorções cognitivas são responsáveis pela construção de crenças desajustadas que validam a prática de crimes, sendo utilizadas para justificar o ato, reduzindo as consequências e a gravidade dos fatos.

Algumas pesquisas que analisaram as distorções cognitivas dos agressores sexuais identificaram que eles percebem a relação sexual com uma criança de maneira distinta como a sociedade percebe, pois veem as crianças como sexuais e sexualmente provocantes, não considerando o sexo da vítima (MARSHALL et al., 2003).

Os resultados apresentados pela Escala de Personalidade de Comrey nas outras oito dimensões fatoriais da personalidade identificaram que 62,5% (N=15) dos participantes válidos que se sobressaíram na escala M (Masculinidade X Feminilidade) apresentaram escores baixos para Feminilidade, ou seja, apresentaram uma personalidade com característica em que o choro é fácil, perturbam-se com a visão de insetos e répteis e demonstram interesse em histórias românticas, lembrando que essa escala não representa a identificação de hétero ou homossexualidade (COSTA, 2009). De acordo com a pesquisa de Baltieri e Andrade (2008), os criminosos sexuais apresentam transtornos psicológicos, o qual pode ser destacado como 75% dos casos, o transtorno depressivo maior, no qual o choro é um dos critérios essenciais para o diagnóstico.

Na Escala E (Extroversão X Introversão), 79,16% (N=19) dos participantes válidos apresentaram escores baixos se sobressaindo a Introversão, ou seja, são reservados, reclusos, tímidos e com dificuldade de estabelecer contato com outros que receiam ser o foco da atenção em

situações públicas (COSTA, 2009). Um estudo feito na Islândia explorou as semelhanças e as diferenças de dois grupos: infratores violentos e molestadores/estupradores de crianças, concluindo que os criminosos sexuais se destacaram como mais introvertidos, diferentemente dos infratores violentos que apresentaram mais extroversão (GUDJONSSON; SIGURDSSON, 2000) estabelecendo concordância com o resultado obtido pelo CPS. Além disso, a literatura apresenta que a estrutura de identidade dos criminosos sexuais é mais frágil e a introversão social é mais elevada, se comparada aos agressores não sexuais (TARDIF; VAN-GIJSEGHEN, 2001). Estudos feitos por Beckett et al. (1994) salientam que ofensores sexuais, com alta congruência emocional voltada às crianças, tendem a ser mais isolados da sociedade, além do insucesso em relações íntimas adultas.

Na Escala S (Estabilidade X Instabilidade Emocional), 66,6% (N=16) dos participantes válidos obtiveram escores baixos, indicando Instabilidade Emocional, descrevendo-se como agitados, pessimistas, com sentimentos de inferioridade, por vezes, deprimidos e reagindo com frequentes oscilações de humor (COSTA, 2009). Em alguns estudos foram constatados a presença da diminuição da capacidade dos criminosos sexuais de crianças em lidar com emoções, como a raiva, as oscilações de humor, as sensações de desamparo, a vulnerabilidade, além de dificuldades em relações interpessoais (HALL, 1996; MARSHALL; BARBAREE, 1990; MARQUES; NELSON, 1989; WILLIAMS; FINKELHOR, 1990). Em concordância com tais dados, pesquisas indicam sintomas psicopatológicos presentes nessa população, como: sentimentos de solidão e/ou inadequação e baixa autoestima (FISCHER; BEECH; BROWNE, 1999; MARSHALL; SERRAN; CORTONI, 2000; MARSHALL et al., 2003).

Dos participantes válidos, 83,3% (N=20) demonstrou escore baixo para a Escala C (Conformidade X Inconformidade Social), logo, inclinam-se a contestar as leis e as instituições sociais, ressentem-se de controles, não aceitam conformismos em outros e são, eles próprios, não conformistas, indicando característica de Inconformidade Social (COSTA, 2009). De acordo com Giddens (2005), o próprio crime é considerado uma inconformidade, em comparação ao conjunto de normas aceitas por um número significativo de pessoas, de uma comunidade ou sociedade. Zúquete e Noronha (2012) apontam que a cultura de uma sociedade é acompanhada por sanções que promovem a conformidade e castigam a não conformidade. Ademais, afirmam que é muito frequente os criminosos sexuais de crianças negarem seus crimes, sendo reprovados pela sociedade em que vivem. Dialogando com esse aspecto, pesquisas indicam prejuízo em controlar e administrar

impulsos, na capacidade de julgamento e na responsabilização de seus próprios atos, muitas vezes tendo condutas problemáticas e desviantes (CARABELLE et al., 2011;)

Dentro da Escala P (Empatia/altruísmo X Egocentrismo), 62,5% (N=15) dos participantes válidos tiveram escores altos, indicando Empatia (altruísmo), ou seja, uma personalidade com características empáticas, prestativas, generosas e altruístas (COSTA, 2009). Para Fornells, Capdevila e Andrés-Pueyo (2002) e Landazabal (2005), esse grupo tem em sua personalidade uma alta capacidade empática; porém, Fisher (1994) apresenta que os agressores sexuais de crianças são egocêntricos, defensivos com pensamentos distorcidos além de comportamentos e pensamentos obsessivos. Trindade e Breier (2007), ao falarem da personalidade dos pedófilos, afirmam que comportamentos de gentileza, de simpatia, de compreensão, de generosidade e de atenção são apenas mecanismos para conseguirem se aproximar de suas vítimas. Corroborando com tais dados, estudos apresentam que os agressores sexuais têm incapacidade empática (GONZÁLEZ et al., 2004; SCORTEGAGNA; AMPARO, 2013; SCORTEGAGNA; VILLEMOR-AMARAL, 2013).

Com relação à Escala T (Atitude Defensiva x Confiança), 87,5% (N=21) dos participantes válidos tiveram escores baixos nessa categoria, para Atitude Defensiva, ou seja, são defensivos, desconfiados, retraídos e possuem normalmente uma opinião inicialmente negativa do valor do homem geral (COSTA, 2009). Diante disso, há estudos que apresentam prejuízos voltados para a autocrítica negativa, resultando em uma visão imatura e negativa do meio, de si e do outro, além da predisposição a relacionamentos mais frios e distantes (CARABELLESE, et al. 2011; DADERMAN; JONSON, 2008; ETCHEVERRÍA, 2009; PASQUALINI-CASADO et al., 2008; PIMENTEL, 2010; SCORTEGAGNA; AMPARO, 2013; SCORTEGAGNA; VILLEMOR-AMARAL, 2013; YOUNG; JUSTICE; ERDBERG, 2010).

No tocante à Escala da Dimensão A (Atividade x Falta de Energia), 50% (N=12) dos participantes válido obtiveram escore alto para Atividade, mostrando que, nesse fator, descreveram-se como pessoas que gostam de atividades e exercícios físicos, têm grande energia e perseverança para atingirem ao máximo suas capacidades (COSTA, 2009). Araújo (1938), em uma pesquisa feita na Penitenciária de Florianópolis, afirmou que a prática da atividade física/exercício físico ajuda a controlar o desejo sexual e corporal do sujeito, os impulsos e a ordem desejada.

Dos participantes válidos que se sobressaíram na Escala O (Ordem x Falta de Compulsão), 54,16% (N=13) tiveram escores alto para Ordem, isto é, com relação a esse fator, preocupam-se com a limpeza e a ordem, são cautelosos, meticolosos apreciam a rotina (COSTA, 2009).

Em estudos sobre a personalidade dos criminosos sexuais de crianças, notou-se destaque nos quesitos de impulsividade, de imprudência, de empatia, de hostilidade e de inteligência ou estabilidade emocional (FORNELLS; CAPDEVILA; ANDRÉS-PUEYO, 2002), obtendo, portanto, relação positiva como o resultado aqui apresentado, no qual os participantes válidos demonstraram em sua maioria destaque nas dimensões de Feminilidade, de Introversão, de Instabilidade Emocional, de Atitude Defensiva, de Inconformidade Social, de Empatia, de Atividade e de Ordem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa objetivava a realização de um levantamento das principais características da personalidade dos criminosos sexuais de crianças, realizado por meio de Questionário Sociodemográfico e da Escala de Personalidade de Comrey (CPS). Para tanto, recrutou-se uma amostra de 50 criminosos sexuais, todos do sexo masculino, condenados por crime sexual contra crianças de até 12 anos. Dessa amostra, 25 participantes não aceitaram fazer parte da pesquisa, o equivalente a 50% da amostra recrutada. Nessa direção, os resultados obtidos são oriundos da avaliação dos outros 25 participantes que aceitaram participar do estudo. Entre as limitações encontradas, destacam-se: o acesso dos apenados pelas atividades realizadas pelo sistema, espaço físico para aplicação do teste e o temor dos apenados com relação ao resultado do teste influenciar negativamente em sua saída ou permanência no sistema. Com relação à última limitação, ela foi sanada por meio da explicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que destaca a não divulgação da identificação dos participantes, além de uso dos dados apenas para fins acadêmico-científicos.

Para os dados gerais da amostra pesquisada, feita por meio do Questionário Sociodemográfico, o objetivo foi satisfatoriamente alcançado, indicando que maioria tem idade média de 39,68 anos, ensino fundamental incompleto, são solteiros, com prevalência para vítimas familiares do sexo feminino e com número maior para uma vítima.

As características principais dos criminosos sexuais de crianças obtidas pela CPS tiveram para as duas dimensões de Validação um teste com resultado inválido e três apresentaram Tendenciosidade da Resposta. Diante desse cenário, foram considerados apenas 24 testes de sujeitos válidos para a avaliação das oito Dimensões Fatoriais da Personalidade.

O resultado principal da pesquisa apresentou que os criminosos sexuais de crianças têm escores altos e baixos para as dimensões fatoriais de personalidade, comprovando a hipótese de que

não existe uma predominância na população pesquisada entre as dimensões avaliadas pela escala, mas sim um equilíbrio entre elas, sendo essas Feminilidade (choro fácil), Introversão, Instabilidade Emocional, Atitude Defensiva, Inconformidade Social, Empatia, Atividade e Ordem. Essas escalas caracterizam-se como as principais características da personalidade dos criminosos sexuais de crianças dessa amostra forense. Salienta-se que para as dimensões de Ordem, Atitude Defensiva e Atividade, obtiveram-se resultados inéditos para a literatura brasileira, considerando a escassez de estudos no contexto forense.

Finalmente, a pesquisa apresenta contribuições sociais, profissionais, científicas e psicológicas e, sobretudo, contribuições para a construção de conhecimento forense em território nacional, já que principal dificuldade encontrada foi a escassez de estudos que investigassem a personalidade desse grupo, possibilitando futuras pesquisas que investiguem novos dados.

REFERÊNCIAS

ALBERTO, I.M.M. **Maltrato e trauma na infância**. Edições Almedina. Coimbra, 2010.

ARAÚJO, E. C. **Relatório do diretor da Penitenciária de Florianópolis**. Santa Catarina, 1938.

BALTIERI, D. **Consumo de álcool ou outras drogas entre agressores sexuais**. Tese (Doutorado em Ciências), Faculdade de Medicina de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <[file:///C:/Users/PC/Downloads/Consumodealcooleoutrasdrogaseimpulsividadesexualentreagressoressexuais%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/PC/Downloads/Consumodealcooleoutrasdrogaseimpulsividadesexualentreagressoressexuais%20(2).pdf)> Acesso em: 09 de abril de 2018.

_____; DE ANDRADE, A. Comparing serial and nonserial sexual offenders: alcohol and street drug consumption, impulsiveness and history of sexual abuse. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, n. 30(1), p. 25-31, 2008.

BARBOSA, T.M. et al. Violência sexual contra crianças e adolescentes e os perpetradores. **Revista do Laboratório de Estudos da Violência da Unesp**. São Paulo, n 06, p. 42-56, 06 Dez. 2010.

BARNEY, G.L.; LONDOÑO, J.A.C. Abuso sexual infantil. **Precop SCP Ascofame**, año 5 módulo 3, 2006.

BECK, A. **Prisoners of hate**. The cognitive basis of anger, hostility and violence. New York: Perennial, 2000.

BECKER, J.V. et al. Characteristics of individuals petitioned for civil commitment. **Internacional Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology**, vol.47, p.185-195, 2003.

BECKETT, R. C. et al. Community-based treatment for sex offenders: An evaluation of seven treatment programmes. Home Office Information Publications Group, **Research Development Statistics Directorate**, London, 1994.

BOUHET, B.; PÉRARD, D.; ZORMAN, M. Da importância dos abusos sexuais na França. In: GABEL, M. **Crianças vítimas de abuso sexual**. São Paulo: Summus, 1997, p. 29-42.

CARABELLESE, F. et al. The Role of fantasy in a serial sexual offender: a brief review of the literature and a case report. **Journal of Forensic Sciences**, 56 (1), 256-260, 2011.

CARREIRO, A.A.G. **Perfil dos criminosos sexuais de um presídio do estado do Paraná**. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Programa de Pós- Graduação em Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2012. Disponível em: < <http://docplayer.com.br/58723928-Universidade-tuiuti-do-parana-mestrado-em-psicologia-area-de-concentracao-psicologia-forense-adriana-aparecida-garbin-carreiro.html> > Acesso em: 23 de abril de 2018.

CARROLA, F. S. O.R.; **Perfil personalístico e de saúde mental de abusadores sexuais de crianças**: abordagem clínica do profiling. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Saúde) - Ciências Sociais e Humanas, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2011. Disponível em: < <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/2745/1/Nota%20introdutoria,%20Resumo,%20Abstract%20e%20índices.pdf> > Acesso em: 03 de maio de 2018.

COSTA, F. R. **CPS: Escalas de personalidad de Comrey**. 3. ed. São Paulo: Vetor, 2009.

COSTA, M.C.O. et al. O perfil da violência contra crianças e adolescentes, segundo registros de Conselhos Tutelares: vítimas, agressores e manifestações de violência. **Ciênc. saúde coletiva** vol.12 no.5 Rio de Janeiro, Set/Out. 2007.

CRICK, N.; DODGE, K.A. A review and reformulation of social information processing mechanisms in children's adjustment. **Psychological Bulletin**, Washington, vol. 115, p. 74-101, 1994.

DADERMAN, A. M.; JONSON, C.. Lack of psychopathic character (Rorschach) in forensic psychiatric rapists. **Informa Healthcare**, 62 (3), 176-185, 2008.

DALGALARRONDO, P. **Psicologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DONNELLAN, M. B.; LUCAS, R. E. Age differences in the big five across the life span: Evidence from two national samples. **Psychology and Aging**, 23(3), 558-566, Setembro 2008.

ETCHEVERRÍA, P. J. Caracterización psicológica de un grupo de delinquentes sexuales chilenos a través del Test de Rorschach. **Psykhé**, 18 (1), 27-38, 2009.

FISHER, D. Adult sex offenders: who are they? Why and how do they do it?, Sexual offending against children, assessment and treatment of male abusers. **Routledge**, New York, 1994.

_____; BEECH, A.; BROWNE, K. Comparison of sex offenders to nonoffenders on selected psychological measures. **International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology**, 43(4):473-491, 1999.

FORNELLS, A.R.; CAPDEVILA, J.M.L; ANDRÉS-PUEYO, A. Personalidad y Comportamiento penitenciário, **Psicothema**, Vol. 14, Suplem.1, pp. 90-100, 2002.

GANNON, T. A.; ALLEYNE, E. K. A. Female sexual abusers' cognition: a systematic review. **Salud e Sociedad**, vol. 08, n 03, p.264-274, Septiembre/Diciembre 2012.

GARBIN, C.A.S. et al. A violência familiar sofrida na infância: uma investigação com adolescentes, **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 18, n. 01, p. 107-118, abr. 2012.

GIDDENS, A. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GIL, A.C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. Ed.. São Paulo: Ed. Atlas, 2002.

GONZÁLEZ, E. et al. Características de los abusadores sexuales. **Revista Sogia**, 6-14, 2004.

GUDJONSSON, G.H.; SIGURDSSON, J.F. Diferenças e semelhanças entre infratores violentos e criminosos sexuais. **Abuso infantil e negligência**, v.14, ed.3, p.363-372, 2000.

HABIGZANG, L.F. et al. Abuso Sexual Infantil e Dinâmica Familiar: Aspectos Observados em Processos Jurídicos, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Vol. 21, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Set/Dez. 2005.

_____; et al. Avaliação Psicológica em Casos de Abuso Sexual na Infância e Adolescência, **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 21(2), p.338-344, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2008.

HALL, G. C. N. Theory-based assessment treatment, and prevention of sexual aggression. New York: **Oxford University Press**, 1996.

HANSON R. K; MORTON K. E; HARRIS A. J. R. Sexual offender recidivism risk: what we know and what we need to know. **Ann NY Acad Sci**. 989: 154-166, Jun. 2003. Disponível em:<<http://www.psiquiatriafmusp.org.br/pg/userfiles/Dissertacoes%20e%20Teses/2006/Doutorado/Danilo%20Baltieri.pdf>> Acesso em: 02 de abril de 2018.

HELFGOTT, J. B. **Comportamento Penal: Teorias, Tipologias e Justiça Criminal**. Ed. Sage, 2008.

HUSS, M. **Psicologia Forense: pesquisa, prática clínica e aplicações**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

IENCARELLI, A. M. B. **O Perfil Psicológico do Abusador Sexual de Crianças**. Santa Maria Rio Grande do Sul, 2002. Disponível em:<<http://www.profala.com/artpsico27.htm>> Acesso em: 04 de maio de 2018.

LANDAZABAL, M. G. Conducta antisocial durante La adolescencia: correlarociones sócio emocionales, predictores y diferenciais de gênero. **Psicologia Conductual**, 13(2), 197-215, Mayo/Ago. 2005.

LANNING, K. V. **Child Molesters: a behavioral analysis – for law-enforcement officers investigating the sexual exploitation of children by acquaintance molesters.** Federal Bureau of Investigation (FBI), 4a ed., 2001. Disponível em: <<https://www.ncjrs.gov/pdffiles1/Digitization/149252NCJRS.pdf>> Acesso em: 03 de maio de 2018.

LEY, A. **Does gender injustice exist following the recommendation of the Corston report: a study of the vulnerabilities of domestic abuse, sexual abuse, rape and poverty.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Faculty of Humanities and Social Sciences, University of Portsmouth, 2015. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/4397/439754607006.pdf>> Acesso em: 22 de fevereiro de 2018.

LUCAS, R. E.; DONNELLAN, M. B. Age differences in personality: Evidence from a nationally representative Australian sample. **Developmental Psychology**, 45(5), 1353-1363, Sep. 2009.

LYNAS, J.; HAWKINS, R. Fidelity in school-based child sexual abuse prevention programs: a systematic review. **Child Abuse & Neglect**, v. 72, p. 10-21, 2017.

MARSHALL, W. L.; BARBAREE, H. E. An integrated theory of the etiology of sexual offending. Handbook's sexual assault. **Issues, theories, and treatment of sex offenders** (p. 257-275). New York: Plenum Press, 1990.

_____; SERRAN, G.A.; CORTONI, F.A. Childhood attachments, sexual abuse, and their relationship to adult coping in child molesters. **Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment**, 12(1):17-26, 2000.

_____; MARSHALL, L.E.; SACHDEV, S.; KRUGER, R. Distorted attitudes and perceptions, and their relationship with self-esteem and coping in child molesters. **Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment**, 15(3):171-181. 2003.

MARTINS, P.F.S.; LOPES, E.J. Relação entre personalidade, transtornos de ansiedade e de humor: uma revisão da literatura brasileira. **Rev. Bras. Ter. Cogn.** Vol.6, nº.1, Rio de Janeiro, Jun. 2010.

MARTIN, S. L.; MACY, R. J.; YOUNG, S. K. Health and economic consequences of sexual violence. In: WHITE, J. W., KOSS, M. P., KAZDIN, A. E. (ED). **Violence against women and children.** Washington, DC, US: American Psychological Association, 2011, p. 173-195. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/pdf/4397/439754607006.pdf>> Acesso em: 08 de março de 2018.

MARQUES, J. K.; NELSON, C. Elements of high-risk situations for sex offenders. **Relapse prevention with sex offenders**, New York: Guilford, pp. 35-46, 1989.

MEEHL, P. E. The Dynamics of “Structured” Personality Tests. **Journal of Clinical Psychology**, 56(3), 367-73 Mar. 2000.

NOTLE, E. E.; FLEESON, W. Age differences in big five behavior averages and variabilities across the adult life span: Moving beyond retrospective, global summary accounts of personality. **Psychology and Aging**, 25(1), 95-107, Mar. 2010.

OLIVEIRA, M. F. Características de Personalidade em Indivíduos com Ciúme Patológico Submetidos ao Método de Rorschach. **Anais do II Encontro de Iniciação Científica e V Mostra de Pós-graduação**, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000135&pid=S1413737220020001007000> Acesso em: 03 de maio de 2018.

PADILHA, M. G. S.; GOMIDE, P. I. C. Descrição de um processo terapêutico em grupo para adolescentes vítimas de abuso sexual. **Estudos de Psicologia**, vol. 9 (1), p.53-61, 2004.

PASQUALINI-CASADO, L. et al. Características da personalidade de pais incestuosos por meio do Rorschach conforme o sistema compreensivo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 21 (2), 293-301, 2008.

PECHORRO, P. S.; POIARES, C. P.; VIEIRA, R. X. Caracterização psicológica de uma amostra forense de abusadores sexuais. **Aná. Psicológica** v.26 n.4, Lisboa- Portugal, Out. 2008.

PIALARISSI, M. A. P. O Dano Existencial nas Vítimas de Incesto. **Anais do I Congresso Internacional de Personalidade**, 14,15 3 16 de abril de 2014. UNICESUMAR- Maringá-PR. Disponível em: <http://www.cesumar.br/prppge/pesquisa/mostras/pri_mestrado/pdf/06_GT3_Marli_aparecida_Sara_gioto_Pialarissi.pdf> Acesso em: 16 de maio de 2018.

PIMENTEL, A. Avaliação psicológica na DEAM: um estudo de caso de violência sexual infantil. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, X (2), 585-603, 2010.

PRODANOV, C.C.; FREITAS, E.C., **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas de Pesquisa e Trabalho Acadêmico**. 2.ed. Novo Amburgo, Rio Grande do Sul, 2013.

REIS, D.C.; BARROS, A.A.S.; CAVALCANTE, L.I.C. Agressor sexual de crianças e adolescentes: uma discussão sobre o gênero dos participantes na literatura. **Psicol. rev.** vol.21, n.2, Belo Horizonte, 2015.

REBOLLO, I.; HARRIS, J. R. Genes, ambiente e personalidade. In: FLORES-MENDOZA, C. E.; COLOM, R. (Orgs.). **Introdução à psicologia das diferenças individuais**. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 300-322. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000159&pid=S0103-166X201400030000300046&lng=pt> Acesso em: 04 de maio de 2018.

ROCHA, M. C. O.; FORMIGA, N.; LOPES, E. J. Esquemas de personalidade mais prevalentes em indivíduos que praticaram crimes. **Psic. Rev.** São Paulo, volume 23, n.2, 197-217, 2014.

SANTOS, M. M. P. **Personalidade de Criminosos Sexuais**: Um estudo com o método de Rorschach e a Escala Hare PCL-R. Dissertação. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade Católica de Brasília, 2008. Disponível em: <<https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/bitstream/123456789/1935/1/Texto%20completo%20Marcia%20M%20aria%20-%20202008.pdf>> Acesso em: 07 de maio de 2018.

SANTOS, S. S. S.; DELL'AGLIO, D. D. Quando o silêncio é rompido: o processo de revelação e notificação de abuso sexual infantil. **Psicologia & Sociedade**, vol. 22(2), p.328-335, 2010.

SCORTEGAGNA, S. A.; AMPARO, D. M. Avaliação Psicológica de Ofensores Sexuais com o Método de Rorschach. **Avaliação Psicológica**, 12 (3), 411-419, 2013.

_____; VILLEMOR-AMARAL, A.E. Rorschach e Pedofilia: A fidedignidade no teste-reteste. **Psico**, Porto Alegre, PUCRS, v.44, n.4, p.508-517, 2013.

SCHAAF, S. et al. Examining Ethno-Racial Related Differences in Child Molester Typology: An MTC:CM3 Approach. **J Interpers Violence**, Jun. 2016. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/27283136>>. Acesso em: 12 de abril de 2018.

SERAFIN, A.P. et al. Perfil psicológico e comportamental de agressores sexuais de criança, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), **Revista Psiquiatria Clínica**, 36(3):101-11, São Paulo-Brasil, 2009.

SHARMA, B. R. Disorders of sexual preference and medicolegal issues thereof. *Am J Forensic Med Pathol.* **Am J Forensic Med Pathol.**, 24(3), :277-82, Sep. 2003.

TARDIF, M.; VAN-GIJSEGEM, H. Do pedophiles have a weaker identity structure compared with nonsexual offenders? **Child Abuse and Neglect**. 25(10), 1381-1394, 2001.

TAVARES, C. “**Adultos sem juízo, crianças em prejuízo**”. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação), Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, 2012. Disponível em: <<file:///C:/Users/PC/Downloads/Artigo-AbusoSexualInfantilpdf>> Acesso em: 10 de março de 2018.

TRINDADE, J.; BREIER, R. **Pedofilia**: aspectos psicológicos e penais. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2007.

TSAL, A. C. et al. Prospective study of the mental health consequences of sexual violence among women living with HIV in rural Uganda. **J Interpers Violence**, 31(8), 1531-53, May 2016.

WILLIAMS, L. M.; FINKELHOR, D. The characteristics of incestuous fathers: A review of recent studies, **Handbook of sexual assault: Issues, theories, and treatment of the offender** (pp. 213-255). New York: Plenum, 1990.

YOUNG, M. H.; JUSTICE, J. V.; ERDBERG, P. Sexual offenders in prison psychiatric treatment a biopsychosocial description. **International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology**, 54 (1), 92-112, 2010.

ZÚQUETE, J. G. E.; NORONHA, C. V. Pedófilos e agressores sexuais de crianças e adolescentes: narrativas a partir do cárcere. In: COELHO, M. T. Á. D.; CARVALHO FILHO, M. J. (Orgs.). **Prisões numa abordagem interdisciplinar** Salvador: EDUFBA, 2012, p. 145-160.